

KID-SIZED: DESAFIOS E AVANÇOS NA CONSTRUÇÃO DE PROTOCOLOS ESPECÍFICOS PARA CRIANÇAS NA ODONTOLOGIA

Julia Maria Batista da Silva¹;

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, SP.

<https://lattes.cnpq.br/3651210692723593>

Letycia Carpaneji Paludetto²;

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, SP.

<http://lattes.cnpq.br/1140945884721181>

Tatiane Garcia³;

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, SP.

<http://lattes.cnpq.br/4664467296913962>

Cindel Regina dos Santos Oliveira⁴;

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, SP.

<http://lattes.cnpq.br/9955914388753783>

Fernanda Vicioni Marques⁵.

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, SP.

<http://lattes.cnpq.br/9912371284218320>

RESUMO: A odontopediatria não deve ser compreendida como mera adaptação da odontologia do adulto, mas como uma especialidade com protocolos próprios, voltada às necessidades anatômicas, fisiológicas e emocionais da criança. Durante muito tempo, práticas clínicas infantis basearam-se em ajustes improvisados de técnicas adultas, o que se mostrou insuficiente e até prejudicial, gerando desconforto, baixa adesão e experiências negativas. A literatura evidencia que diferentes áreas da odontopediatria demandam recursos específicos: instrumentais reduzidos e leves, ambientes clínicos lúdicos, protocolos radiológicos com sensores pediátricos e mínima exposição, programas preventivos em linguagem acessível, próteses adaptadas ao crescimento craniofacial e diagnóstico associado ao manejo comportamental. Esses elementos não apenas aumentam a precisão diagnóstica e reduzem riscos, mas também favorecem a colaboração da criança e criam experiências positivas no atendimento. O conceito de Kid-Sized Dentistry sintetiza essa visão, reforçando que a odontologia infantil deve ser formulada no tamanho da criança. Assim, a odontopediatria contemporânea afirma sua identidade como ciência autônoma, comprometida com práticas específicas que garantem eficácia clínica, segurança e promoção da saúde bucal desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Diagnóstico. Odontologia.

KID-SIZED: CHALLENGES AND ADVANCES IN THE DEVELOPMENT OF CHILD-SPECIFIC PROTOCOLS IN DENTISTRY

ABSTRACT: Pediatric dentistry should not be understood as a mere adaptation of adult dentistry, but as a specialty with its own protocols, focused on the anatomical, physiological, and emotional needs of children. For a long time, pediatric clinical practices were based on improvised adaptations of adult techniques, which proved insufficient and even harmful, generating discomfort, low adherence, and negative experiences. The literature shows that different areas of pediatric dentistry require specific resources: reduced and lightweight instruments, playful clinical environments, radiological protocols with pediatric sensors and minimal exposure, preventive programs in accessible language, prostheses adapted to craniofacial growth, and diagnosis combined with behavioral management. These elements not only increase diagnostic accuracy and reduce risks but also promote child compliance and create positive experiences during care. The concept of Kid-Sized Dentistry summarizes this vision, reinforcing that pediatric dentistry should be tailored to the child's needs. Thus, contemporary pediatric dentistry affirms its identity as an autonomous science, committed to specific practices that guarantee clinical efficacy, safety and the promotion of oral health from childhood.

KEYWORDS: Child. Diagnosis. Dentistry.

INTRODUÇÃO

A odontopediatria é a especialidade que tem como foco a promoção, o diagnóstico, a prevenção e o tratamento da saúde bucal de crianças e adolescentes. Mais do que uma área técnica, representa um campo interdisciplinar que une conhecimentos da odontologia, da psicologia, da pediatria e da educação em saúde, justamente por lidar com indivíduos em uma fase marcada por intensas transformações físicas e emocionais.

Durante muito tempo, o atendimento odontológico infantil foi compreendido como uma extensão da odontologia do adulto. Nessa perspectiva reducionista, acreditava-se que seria suficiente adaptar técnicas, redimensionar instrumentais ou simplificar protocolos para atender à criança. Espelhos, pinças, moldeiras e até próteses, desenvolvidos originalmente para adultos, eram utilizados em versões reduzidas, sem que se considerassem de maneira aprofundada as especificidades do paciente pediátrico. Essa prática, entretanto, mostrou-se insuficiente e, em muitos casos, prejudicial, pois desconsidera uma premissa fundamental: crianças não são adultos em miniatura (NOWAK, 2019).

A infância é um período de mudanças rápidas e constantes. O desenvolvimento da dentição decídua, a transição para a dentição mista, a formação da oclusão e a remodelação óssea são processos únicos, que ocorrem de forma dinâmica e que não encontram correspondência na vida adulta. Além disso, fatores como a imaturidade emocional, a dependência da família e a maior sensibilidade aos estímulos tornam a criança singular em suas necessidades de cuidado. O medo, a ansiedade e até o comportamento de recusa

frente a procedimentos odontológicos são respostas frequentes nesse grupo etário e, portanto, exigem estratégias próprias de manejo (TIWARI et al., 2021; BUSATO et al., 2017).

Outro aspecto central refere-se ao impacto das primeiras experiências odontológicas. Enquanto para o adulto a consulta muitas vezes representa a resolução de um problema pontual, para a criança a ida ao dentista pode marcar o início de uma relação duradoura com o cuidado em saúde bucal. Experiências negativas ou traumáticas, associadas a dor ou desconforto, tendem a repercutir por toda a vida, alimentando quadros de ansiedade odontológica que dificultam a adesão ao tratamento futuro. Por outro lado, quando o atendimento é realizado de forma positiva e acolhedora, cria-se um vínculo de confiança que estimula a continuidade do cuidado e a adoção de hábitos saudáveis desde cedo.

Nesse sentido, é possível afirmar que a odontopediatria não se limita a “tratar dentes de leite”. Trata-se de uma especialidade com papel central na formação da consciência em saúde bucal, no estabelecimento de comportamentos preventivos e no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento craniofacial. Essa abrangência amplia a responsabilidade do cirurgião-dentista, que precisa estar atento não apenas aos aspectos técnicos, mas também à dimensão humana do atendimento (GUEDES-PINTO, 2010).

No campo clínico, os exemplos de inadequação da mera adaptação adulta são abundantes. Instrumentos convencionais, quando utilizados em crianças, podem causar desconforto físico, limitar a visibilidade do campo operatório e gerar experiências negativas. Protocolos radiológicos desenvolvidos para adultos expõem a criança a doses de radiação desnecessárias, comprometendo a segurança. Próteses rígidas e aparelhos ortodônticos convencionais, quando aplicados a pacientes em crescimento, podem interferir no desenvolvimento craniofacial. Até mesmo programas preventivos perdem eficácia quando baseados em instruções genéricas, sem considerar o papel da família ou a necessidade de recursos lúdicos para motivar a criança. (CORRÊA, 2017).

Essas limitações têm levado a odontopediatria contemporânea a defender um novo paradigma: não basta adaptar, é preciso formular. A prática clínica deve ser construída a partir das especificidades da infância, contemplando desde a ambientação do consultório até o desenho de instrumentais, os protocolos de radiologia, as estratégias de prevenção e as soluções protéticas. O conceito de Kid-Sized Dentistry traduz essa proposta, enfatizando que a odontologia voltada para crianças deve ser pensada no tamanho delas não apenas no sentido físico, mas também emocional e social (TIWARI et al., 2021).

Essa abordagem representa mais do que uma mudança técnica: é uma mudança de perspectiva. Significa reconhecer a criança como sujeito singular, que exige protocolos próprios para garantir não apenas eficácia clínica, mas também uma experiência positiva, acolhedora e educativa. Ao compreender a odontopediatria como uma ciência autônoma, que vai além da adaptação da odontologia adulta, abre-se espaço para práticas mais seguras, humanas e inovadoras, capazes de impactar positivamente a saúde bucal de toda uma geração.

OBJETIVO

Analisar a importância de desenvolver protocolos, técnicas e instrumentais próprios para a odontopediatria, discutindo os riscos de adaptações inadequadas e os benefícios de abordagens formuladas especificamente para crianças.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma busca bibliográfica em bases de dados nacionais e internacionais, com o objetivo de identificar produções científicas relevantes relacionadas ao tema. A pesquisa foi conduzida em plataformas como PubMed, Scielo, Lilacs e Google Acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A odontopediatria não pode ser reduzida à ideia de uma odontologia adaptada ao tamanho da criança. Essa visão, embora ainda presente em alguns contextos, desconsidera a singularidade do paciente infantil, que possui características próprias em seu desenvolvimento físico, emocional e social. Crianças não são adultos em miniatura e, por isso, o atendimento deve ser pensado a partir de protocolos específicos, capazes de unir eficiência clínica, segurança e acolhimento.

O uso de instrumentais convencionais ilustra bem essa questão. Espelhos, pinças e moldeiras de dimensões adultas não apenas dificultam o trabalho do profissional, como também aumentam o desconforto da criança, comprometendo a colaboração durante os procedimentos. Quando substituídos por instrumentos adequados, observa-se maior precisão diagnóstica, redução do tempo clínico e, principalmente, uma experiência mais tranquila para o paciente.

A ambientação do consultório segue a mesma lógica. Um espaço frio e impessoal pode despertar medo e insegurança, enquanto ambientes lúdicos, com cores, brinquedos e recursos audiovisuais, transformam a consulta em uma experiência positiva. O consultório infantil não deve ser apenas funcional, mas também terapêutico, capaz de transmitir acolhimento e criar memórias agradáveis relacionadas ao cuidado odontológico.

Na radiologia, a necessidade de protocolos exclusivos torna-se ainda mais evidente. Crianças são mais sensíveis à radiação, o que exige a aplicação de técnicas diferenciadas, com sensores digitais menores, aventais plumbíferos e protetores de tireoide. O princípio de usar a menor dose possível, sem comprometer a qualidade diagnóstica, deve nortear todas as indicações. Mais do que uma exigência técnica, trata-se de uma responsabilidade ética com o paciente em formação.

A prevenção também precisa ser formulada de acordo com a realidade infantil. Instruções genéricas, copiadas de protocolos adultos, raramente alcançam resultados satisfatórios. A criança depende do apoio da família para manter hábitos de higiene, e por isso estratégias educativas devem envolver pais ou responsáveis, utilizando linguagem clara, recursos lúdicos e atividades que despertem interesse. É nesse diálogo acessível e

participativo que a prevenção se torna efetiva e duradoura.

Na reabilitação, os riscos de aplicar conceitos da odontologia adulta são igualmente significativos. Próteses rígidas e convencionais podem comprometer o crescimento e a cronologia eruptiva. Já mantenedores de espaço, próteses leves e aparelhos interceptivos permitem restaurar função e estética sem interferir no desenvolvimento, mostrando que o cuidado infantil precisa ser planejado em consonância com o processo de crescimento.

O diagnóstico clínico também ganha contornos diferentes na infância. Além da escolha de instrumentais adequados, torna-se indispensável considerar o manejo comportamental como parte do processo. Técnicas de distração, reforço positivo e comunicação adequada ajudam a reduzir o medo e facilitam a colaboração. O ato de diagnosticar, portanto, vai além da análise técnica: envolve a construção de confiança e a valorização da experiência da criança no consultório.

Ao reunir todos esses aspectos, percebe-se que a odontopediatria contemporânea exige protocolos formulados para a criança em todas as etapas do atendimento. A ideia de Kid-Sized Dentistry sintetiza esse movimento, lembrando que a prática clínica deve ser pensada no tamanho da criança não apenas em sentido físico, mas também emocional e social. Trata-se de um caminho que promove não apenas melhores resultados clínicos, mas também experiências positivas que acompanharão o paciente ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A odontopediatria consolida-se como uma especialidade autônoma, que vai além da simples adaptação da odontologia do adulto. A infância é marcada por particularidades anatômicas, fisiológicas e emocionais que exigem protocolos próprios, capazes de assegurar não apenas eficácia clínica, mas também conforto, segurança e experiências positivas para a criança.

Os estudos revisados demonstram que práticas baseadas em adaptações improvisadas seja no uso de instrumentais convencionais, em protocolos radiológicos ou em programas preventivos revelam-se limitadas e, muitas vezes, prejudiciais. Em contrapartida, quando a clínica é pensada no “tamanho da criança”, observa-se maior adesão ao tratamento, diagnósticos mais precisos, reabilitações funcionais e preventivas mais eficazes.

A concepção de Kid-Sized Dentistry traduz esse paradigma contemporâneo, reafirmando que a criança não deve ser vista como um adulto em miniatura, mas como um sujeito em desenvolvimento, que demanda abordagens específicas em todas as etapas do cuidado. Reconhecer essa singularidade é fundamental para promover a saúde bucal desde os primeiros anos de vida, prevenindo traumas, consolidando hábitos saudáveis e fortalecendo a relação de confiança entre paciente, família e profissional.

Assim, a odontopediatria, ao formular protocolos exclusivos e humanizados, cumpre não apenas o papel de tratar doenças, mas também o de educar, prevenir e transformar a experiência odontológica em um processo contínuo de cuidado e acolhimento.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maria Salete Nahás Pires. **Odontopediatria na Primeira Infância – Uma Visão Multidisciplinar**. 4. ed. 748 p.501-531. São Paulo: Santos, 2017.

TIWARIS. et al. **Kid-Sized Dentistry: A Pioneering First-of-Its-Kind Study on Customizing Dental Tools and Technology for Pediatric Care**. Cureus, 21 set. 2024.

NOWAK A: **Pediatric dentistry - infancy through adolescence. Behavior Guidance of the Pediatric Dental Patient**. Townsend JA, Wells MH (ed): Elsevier, 2019.

BUSATO P, Garbín RR, Santos CN, Paranhos LR, Rigo L. **Influence of maternal anxiety on child anxiety during dental care: cross-sectional study**. Sao Paulo Med J. 2017 Mar-Apr;

GUEDES-PINTO AC. **Odontopediatria**. 8. ed. São paulo: Santos, 2010.